

POEMAS

Poema baseado em "Tempo de Exultação" por Lígia Steigleder, publicado no suplemento literário "Letras e Livros" do CORREIO DO POVO de 28 de fevereiro de 1983.

(EXÂNIME (TEMPO) DE EXALTAÇÃO)

Brunilda Reichmann Lemos

Ah! Estas manhãs tão tristes de outono
Quando há no ar uma mistura de dor e de poesia
E as expectativas da vida, distantes, perdidas.

Punge intensa a vontade de chorar por tudo e por nada
E a tristeza que transcende a vida e a mágoa.

Ah! Que vontade de penetrar repentinamente
Neste azul do céu, nesta envoltura imensa
E ser transladada aos caminhos de nuvens, de cor e de luz
E sentir-me solta no espaço de anil translúcido
De onde se avistam quimeras e ilusões.

Ah! Que vontade de beber do mistério dessas viagens etéreas
E sair exultante em busca do amor.

MUNDO DA INSPIRAÇÃO

Brunilda Reichmann Lemos

Voltar ao apartamento
repleto de flores
flores para Marie

Abrir a porta
depois da espera de longas horas
pelo avião sem Marie

Apanhar o telegrama
catatônico, cataléptico
"Marie foi esquiar nos Alpes".

E o bouquet de flores
jogado no lixo do aeroporto
E a esperança
triturada pelo dragão mecânico que passa

O telegrama
catatônico, cataléptico

Talvez esta seja a origem da criação
Talvez aqui esteja o esperme da concepção
Talvez isto seja o MUNDO da INSPIRAÇÃO.
CATATÔNICO/ CATALÉPTICO

THEN, NOW AND THEN

Brunilda Reichmann Lemos

Now it is time to rest
and to solemnly neglect
that you walk on every street
that you appear at every corner
that you belong

to the expansion of my sight
to the fragrance of my world
and to the care of my soul.

Now it is time to recall
and to quietly forget
that your body had warmed this bed
that your clothes lay carelessly thrown on the bench of my dresser
that the echo of your steps
 rebounding in every corner
 announced at every hour
that you knew what love meant.

Now it is time to put the gifts away
and to carefully conceal
that your lyric self laid bare in surrender
and that your lyric touch deflowered my soul
that this little candy box
 now empty
 alone
 untouched
 was once

filled with sweet candies
and touched by warm hands.

Now it is time to put our lives aside.
Now it is time to neglect
 to forget
 to conceal
even though we know that our love exists
that life goes on
that sometimes, somewhere, somehow
in the middle of the roar of the city
our thoughts will tenderly meet.

CARPE DIEM

Oswaldo O. Portella

Leucônoe, não ouses saber qual o fim
Que os deuses reservam a ti como a mim
Nem tentes a sorte confiando nos astros
Por meio de falsos babilônicos cálculos.

E tem por melhor o que Júpiter dá
Quer sejam cem anos quer seja este só;
Que o mar de Tirrênia arrebenta aos rochedos
Como se fora de infantes brinquedo.

Prudência! Aconselho que filtres teu vinho
E a longa esperança limite ao mínimo.
A vida se esvai enquanto falamos . . .
Oh! Goza este dia, que é incerto o amanhã.

(Leuconoe — Horácio¹

·INVERNO

Oswaldo O. Portella

Não vês que de alta neve já se cobre
O cândido Soracte, nobre monte?
Florestas fatigadas que se quebram
E rios que endurecem ao frio cortante?

Com lenha generosa abranda o frio
E bebe, ó Taliarco, com vontade
O vinho capitoso de quatro anos
Em ânfora sabina de duas asas.

E deixa para os deuses tudo o mais:
São eles que encarceram fortes ventos
Pugnantes entre si nos quentes mares
E acalmam os ciprestes e olmos lentos.

Evita perscrutar o teu futuro...
Os dias que te reservou a sorte
Coloca-os na coluna dos lucros
Porque a tudo destruirá a morte ...

(THALIARCE – HORÁCIO)

O CERVO JUNTO À FONTE

Oswaldo O. Portella

Ensina-nos esta história
Lição de grande valor:
Por vezes jogamos fora
Que temos nós de melhor.

Um cervo desce até a fonte
A sede para acalmar,
Sua imagem logo se pondo
No espelho d'água a mirar.

“Que lindos ramos encimam
Meu corpo! hum! que formoso!
Mas, ai! Que pernas tão finas!
Nem mesmo vê-las eu ouso!”

Eis, ouve de homens as vozes,
De cães os feros latidos;
Suas pernas leves, velozes
O salvam deste perigo.

Voando pelas campinas,
Abrigo encontra no bosque;
Mas, eis, os chifres, que sina!
Nos galhos densos enrosca.

E breve, os cães, em mordidas
Cruéis, suas carnes laceram;
Ao despedir-se da vida,
Arrependido inda berra:

“Agora, enfim, reconheço
Duplo erro ter cometido:
De coisas vãs o apreço,
Noção do Bem ter perdido”.

AO MEU LITO, NO SEGUNDO ANO DE SAUDADES

Maria das Dores Wouk.

Foi um homem com letras maiúsculas.
Silenciosamente bom.
Foi genial sem exibir o gênio,
Desprezou o poder, sobretudo o dinheiro,
Foi puro sem criticar os que não o eram,
Foi religioso sem fanatismo.
Carregou pesados fardos sem reclamações,
Sem gemidos.
Ensinou, orientou sem insolências.
Foi humilde sem ser servil.
Sua voz se fez ouvir a grandes distâncias,

Sem gritos.
Suas palavras eram vida.
Amou profundamente os seus — todos,
Sem se oferecer.
Fez sempre o bem, sem que se percebesse.
Assim foi meu marido,
Pai de meus filhos!
UM HOMEM — UM MESTRE

*Prof. Miguel Wouk